

JORNAL DE BRASÍLIA
26 MAR 1996

O Senado

26 MAR 1996

Senador vem do latim "senator". E "senator" vinha de "senex", velho, provector. O Senado era o "colégio de anciãos", o "conselho dirigente do Estado romano". O mínimo que se deve esperar de um senador é a respeitabilidade de ancião, é o respeito aos próprios cabelos brancos.

No Congresso, o direito ao voto é sagrado. Cada um vota o que quer, como quer. Mas voto é como o sol: é um só, não há dois. O senador não pode ter o voto duplo, o voto triplo: vota de uma forma quando assina o requerimento de criação da CPI, na comissão vota de outra forma, chega ao plenário e dá um terceiro voto.

O que se viu no Senado na semana passada foi um dos mais deprimentes espetáculos da história do Parlamento brasileiro. Houve senador que de um dia para o outro deu três votos diferentes. Ninguém é obrigado a votar como não quer. Mas o país

tem o direito de esperar que seus senadores ao menos mantenham seus votos nos documentos que assinam, nas comissões e no plenário, mesmo depois de irem buscar e voltarem com o "conhaquinho" do Palácio do Planalto.

Nos 20 anos da ditadura, a Arena e o PDS sempre tiveram maioria no plenário. Os generais nunca fecharam nenhuma CPI. E sempre houve CPIs, algumas duras contra eles, como as da Dívida Externa, da Capemi, que envolviam militares poderosos. Agora, vem o Imperador de Higienópolis e implode o Senado.

O Congresso tem advogados brilhantes, mas jurista, constitucionalista, um só: o senador Josafá Marinho, da Bahia, meu querido patrono de formatura. Apesar de ser do PFL, ele avisou logo: — "Não contem comigo para essa violência". Contra a violência, só há um recurso, o Supremo, último refúgio à prepotência.